

Com - Brasil

Macedo propõe choque e pacto

O presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Roberto Macedo, criou até um neologismo — **estagniperinflação**, mistura de hiperinflação com estagnação — para tentar explicar melhor o quadro de crise da economia brasileira e justificar, no documento que divulgou ontem, a necessidade de o governo adotar com urgência um programa simultâneo de crescimento e combate à inflação. “Nas condições em que estamos, para evitar uma recessão e permitir a saída da estagnação, a economia necessita de muito mais que o ‘feijão com arroz’ ou mesmo de um novo ‘pacote’ anti-inflacionário”, enfatizou Macedo.

A partir da análise de que planos ortodoxos (de corte do déficit público) ou heterodoxos, (de congelamento de preços) são incapazes, por si só, de estabilizar a economia, a Ordem propõe, em seu documento, um programa que combine diversos recursos. Defende, assim, um choque com congelamento de preços para romper a inércia inflacionária, um pacto entre governo, empresários e trabalhado-

res para coibir a corrida entre salários e preços e a limitação do papel do Estado e a orientação de seus investimentos para a área social e de infra-estrutura básica. Quer ainda maior abertura da economia ao capital estrangeiro para evitar os abusos cometidos por setores beneficiados por reservas de mercado ou que atuam em monopólio e oligopólio, além de uma renegociação mais favorável da dívida externa.

O que não é possível, salienta Roberto Macedo, é deixar que se agrave uma situação na qual já estão presentes três dos componentes da hiperinflação, “situação de caos econômico que conduz também a desastres de

ordem social e política”, adverte. Esses componentes são as dívidas externa e interna elevadas, governo fraco e inflação imprevisível. “É como o paciente cardíaco, que só falta sofrer o ataque”, compara. Convencido de que um choque econômico será inevitável, “entre essa eleição e a próxima”, Macedo entende, porém, que Mailson da Nóbrega só poderá aplicá-lo quando vencer três batalhas: a do orçamento, a dos salários do setor público e a do aumento da carga tributária. “Se não vencer, cairá fora”, prevê.

A instabilidade dos índices inflacionários fica patente no comportamento do próprio Índice de Custo de Vida da Classe Média de São Paulo elaborado pela Ordem, que ontem divulgou os resultados de setembro. De 16,3% em maio, passou a 20,9% em junho, subiu para 24,1% em julho, desceu a 19,2% em agosto e voltou a subir em setembro para 22,7%. A taxa acumulada nos últimos 12 meses chega a 575%, o que dá em média 17% ao mês. O acumulado nos nove meses deste ano é de 373%.

